

PRIMEIROS CONTATOS: ETNOGRAFIA DOS CIGANOS DE MARACÁS

ELMA CRQUEIRA BARRETO LAGO¹⁴

ITAMAR PEREIRA DE AGUIAR¹⁵

Resumo

O presente artigo aborda os primeiros contatos e observações feitas na comunidade cigana calon que se sedentarizou no município de Maracás – BA. Assim, os registros etnográficos descritos nesse artigo serão analisados a partir das concepções de teóricos como Geertz e outros que descrevem alguns aspectos relativos ao grupo cigano em estudo, enfatizando as suas relações étnicas no interior da comunidade macaense.

Palavras-chave: Feira livre, Cigano, Cultura

Introdução

Este artigo objetiva a descrição densa de alguns fenômenos da vivência dos ciganos em Maracás. A pesquisa qualitativa é etnográfica e se fundamenta na obra de Geertz (2013) que declara: Dar o nome de etnografia ao estudo do pensamento como este se apresenta no aqui e agora da vida moderna parece ser uma forma de reivindicar esse estudo para minha própria matriz interdisciplinar, a antropologia. (GEERTZ, 2013, p. 155).

A interpretação é uma atividade indispensável para a etnografia e a parte da observação dos sujeitos em seus lócus. Segundo Geertz (2017) uma “piscadela burlesca” é um código, símbolo ou signo e podem revelar as relações que são estabelecidas pelos sujeitos dentro de seus grupos étnicos.

No caso do povo cigano, considerado um grupo étnico fechado, uma “piscadela” traz muitos significados. Logo, a observação é uma ferramenta

¹⁴ Graduada em Letras – UESB, 2006; Especialista em Literatura e Ensino de Literatura – UESB, 2009; Especialista em Gestão Escolar – UFBA, 2012. Discente do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade. E-mail: elmacbl@hotmail.com.

¹⁵ Graduado em Filosofia pela UFBA, 1979; Mestre e Doutor em Ciências Sociais pela - PUC/SP, respectivamente, em 1999 e 2007; Pós Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de São Paulo – UNESP, campus de Marília – SP, 2012. E-mail:itamarpaguiar@hotmail.com.

imprescindível para a compreensão da cultura dos roma.

Os primeiros contatos na feira livre e desafios de pesquisa

Apesar de não ser feirante, apenas uma consumidora, para mim, nelas coadunam todos os resultados das atividades econômicas de uma dada região e os anseios por lucro de uma parcela da população. Lucena (2016) define poeticamente esse acontecimento como a seguir:

Da carne à fruta, da verdura ao celular. Alimento para o corpo e antídoto para os males do espírito[...]. Quase tudo se encontra na feira livre. É recipiente plástico, roupas diversas, peixe fresco, tripa de boi, DVD, chinelo, óculos, celular, queijo, perfume, caranguejo [...]. Uma lista para os produtos encontrados nas bancas das feiras livres e mercados mundo a fora demandaria incontáveis páginas, mas, para quê quantificá-los se jamais seremos capazes de mensurar a profusão de tonalidades e odores e a polifonia de sons e ruídos presentes nesses lugares, aliada à variedade e ao movimento de afetos, de gente? (LUCENA, 2016, p. 38).

A citação acima define bem a feira livre de Maracás que acontece todos os sábados. Bem cedo os feirantes e consumidores chegam para cumprir suas obrigações. É nesse espaço onde as pessoas compram, vendem, pechincham e negociam, mas vai além das características tipicamente econômicas. Nelas acontece o encontro de pessoas, amigos e conhecidos para uma breve ou demorada prosa.

Cunha (2000)¹⁶ define a feira como um espaço antropológico, pois abarca os aspectos sociais e humanos uma junção de interesses e trocas que as fazem imprescindíveis à cidades como Maracás.

Ademais, é democrática, pois todos se encontram ali. Políticos pedindo votos, crentes pregando o evangelho com suas barulhentas caixas de som portáteis, umbandistas entregando folheto prometendo curas de todos os males, barracas de pasteis com o forte cheiro de fritura, sotaques diversos, pronúncias que nos remetem a um universo interiorano. Todos num só espaço. Nelas não importa se o sujeito é rico, remediado ou pobre, todos compram o que podem e o que gostam. Todos levam para seus lares o fruto de seus trabalhos. Todos

¹⁶ Artigo intitulado A cotidianidade do feirante de Vitória da Conquista, tendo como orientadores os professores Maurício Brito de Carvalho e Maria Tereza Toríbio Brittes de Lemos.

interagem e se inter-relacionam.

Diferentemente de Cunha (2000), analisaremos aqui apenas o aspecto antropológico. Assim, foi nesse espaço antropológicamente rico que se deu o primeiro encontro com os sujeitos de pesquisa. A feira livre da cidade foi o local dos primeiros diálogos com seu Landito sobre a pesquisa que desejava realizar, expliquei os motivos, pedi a colaboração dele e de sua família. Então, ele e sua esposa, Consuelo, se colocaram a disposição para participarem da pesquisa. Sendo ele o chefe dos ciganos local, não poderia iniciar as observações e registros sem a sua autorização.

Na primeira visita, fui acompanhada por meu filho em um Fiat Pálio branco. Ao chegar, estacionei e fui recebida por um senhor alto, magro, loiro, de olhos azuis, e sua esposa também branca, mais baixa, morena dos cabelos longos que se identificaram como sendo os pais de Landito. Identifiquei-me e expliquei-lhes o motivo da visita, conversamos um pouco, ele me disse que se chama seu Carlão. Ela apenas nos ouvia e ele me explicou que seu filho estava viajando. No momento em que agradei a eles pela atenção e me despedi, seu Carlão me ofereceu dinheiro a juros, eu disse que não poderia, pois não poderia pagar. Aí ele disse: “quem tem um negócio desses (carro) pode pagar sim. Essa máquina hoje é dinheiro na mão”. Sorri, agradei a confiança e disse que retornaria em breve. Despedimos-nos.

Logo, a feira se firmou como um espaço estratégico para estabelecer os primeiros contatos com a comunidade. Assim, foi ali que seu Landito me passou o seu número de telefone celular e me pediu para ligar antes, pois por conta das muitas viagens poderia não o encontrar em sua residência. Agradei a cordialidade.

Pode parecer estranho que alguns de nossos diálogos tenham ocorrido na feira. Contudo, vejo-a como um espaço propício ao diálogo sobre relações étnicas. Nela as pessoas de diversas etnias se encontram para efetivarem não apenas práticas comerciais, pois é um dos espaços de atividades mais diversificadas. Além de ser uma das formas de comércio local de relações das mais antigas.

Gosto muito da feira, no singular, pois em Maracás só acontece feira livre no sábado. Vejo que os ciganos também gostam, pois todos os sábados eu os

vejo chegar. Na maioria dos sábados, os homens ciganos é que vão fazer as compras e nesses momentos são acompanhados pelos filhos e/ou filhas. Quando dialogam entre si. Comem pasteis, negociam aves, principalmente, galinhas e compram seus gêneros alimentícios como qualquer outro macaense.

Observei que no início do mês, quando a circulação de dinheiro na cidade é maior, as feiras são mais movimentadas. Há mais pessoas na feira e, portanto, oferece mais oportunidade de negócios. Assim, durante as primeiras semanas do mês, é comum vermos não só os roma¹⁷ como também suas esposas fazendo as compras costumeiras. No entanto, no dia em que as calins¹⁸ fazem suas feiras, termo "feiras" é usado para designar as compras feitas na feira livre, alguns maridos as acompanham, outros ficam aguardando as esposas conversando nos Box que vendem bebidas ou juntos conversando com algum conhecido local. As crianças comem pasteis e auxiliam na tarefa de carregar os alimentos até os carros. Percebo que os ciganos se sentem bem à vontade na feira. Brincam, conversam, comem, bebem, compram, negociam, se divertem.

Nas minhas observações não os vejo interagirem do mesmo modo em outro ambiente fora de suas residências, pois mesmo nos bares da cidade só vão os homens com seus filhos e/ou irmãos, sentam-se isolados em uma mesa, bebem, ouvem as músicas que gostam nos sons de seus carros, conversam entre si e vão embora. Se algum brasileiro conhecido os cumprimentar, eles devorem a gentileza.

É na feira que Neide e Meire me ofereceram dinheiro a juros com muita naturalidade e leveza como é típico delas, com seu sotaque e entonação cigana, Neide diz "Oh! Elma, tu não estás precisando de hum mil reais, não? Se precisar é só me dizer. Não é para todo mundo, mas tu és de confiança". Sorrir timidamente! Eu agradeço e digo que em qualquer emergência recorrei a elas. Pergunto a Meire se está melhor, e me diz que sim, que a cólica causada pelos cálculos na vesícula a deixaram muito fraca, chegando a ser internada para tomar sangue por causa da anemia. Conversamos mais um pouco e nos despedimos.

¹⁷ Roma significa homens, no singular rom, em língua cigana.

¹⁸ Calin, feminino de calon, pode ser empregada como substantivo, equivalendo à mulher, ou como adjetivo definindo o grupo cigano.

Contudo, foram nas feiras que antecederam as festas juninas que pude perceber a maior movimentação dos ciganos. A comunidade está quase em sua totalidade a que possuem maior poder aquisitivo, os de menor poder, todos estavam na feira. As mulheres com seus belos vestidos tradicionais, os homens vestindo bermudas e camisetas outros, principalmente os mais jovens, vestidos a moda sertaneja com calças jeans justas, botas, chapéus e camisas de manga longa. Bem arrumados aguardam, as jovens esposas, algumas acompanhadas pelas sogras ou mães, fazerem as compras.

Homens e mulheres ciganos que aqui se sedentarizaram chamam atenção pela beleza exótica. As mulheres com seus longos cabelos e cinturas marcadas desfilam por entre as barracas, porém a beleza não é o suficiente para minimizar a forma hostil com que são tratados ao se aproximarem de determinadas barracas para comprarem o que desejam. Alguns feirantes dizem que não vendem a ciganos, pois os mesmos não gostam de pagar o valor que cobram. Outros alegam que os ciganos são ladrões que roubam as barracas. E boa parte dos feirantes demonstram ter receio de atendê-los simplesmente por serem ciganos. Alguns demonstram ter um certo medo dos calons.

Em minhas observações, presenciei apenas uma discussão entre um calon e um macaense que vendia feijão. O vendedor cobrou o valor referente à compra ao cigano e esse disse que já havia efetuado o pagamento. A partir daí discorreu um breve embate, mas, o cigano deixou o feirante falado sozinho e saiu acompanhado pela esposa e filhos. Este episódio foi o único conflito que pude presenciar envolvendo um habitante local e um cigano. Nos demais sábados, a interação entre habitantes locais e ciganos foi harmoniosa, sendo a feira livre de Maracás um lugar simples que os deixa a vontade para ser quem são, envolvidos com elementos da natureza e que se integram com o estilo de vida cigano: livre e simples.

Assim, a feira livre de Maracás revela muito do universo calon concernente às relações étnicas e também aos hábitos alimentícios dos mesmos. No caso das aves e animais de pequeno porte eles dão preferência a comprá-los vivos para em casa efetuarem o abate, aproveitando o sangue. Para abater os animais eles não demonstram ter nenhum ritual específico. Apeiam o animal e sagram, como

qualquer outra pessoa que domina a técnica do abate. As mulheres trazem a bacia onde o sangue é depositado para preparo do molho.

Os ciganos têm preferências por comidas simples, bem preparadas e em grande quantidade. Comem bem e sem restrições. Gostam de galinha ao molho pardo, leitões assados e churrascos regados a muita cerveja e outras bebidas quentes. A feira é um mercado a céu aberto de costumes simples, onde indivíduos na sua maioria, são pequenos produtores rurais que comercializam seus produtos. Em um espaço assim, um cigano se sente a vontade. Porém é perceptível que as fronteiras étnicas continuam firmadas demarcando o espaço entre Eles x Outros.

“A manutenção das fronteiras étnicas está alicerçada no reconhecimento e validação das diferenças étnicas no decurso das interações sociais” (POUTGNAT E STREIFF-FENART, 2011). Assim, as fronteiras são formas de resistência e preservação. Talvez por isso, os ciganos quando frequentando a feira livre macaense não são vistos sozinhos, mas sempre em grupo. Para um cigano é inadmissível se encontrar desacompanhado entre os indivíduos não ciganos. Essa necessidade de andar em grupo talvez decorra dos anos de perseguição e exclusão sofridas, perpetradas por indivíduos das sociedades nas quais se encontram.

As visitas a Rua dos Ciganos

Após os diálogos com seu Landito na feira livre, liguei para ele e agendei uma visita para podermos conversar melhor sobre a pesquisa. O horário que acertamos foi às 15 horas. Estava ansiosa para ouvi-lo, para iniciar as observações e análises sobre a vida dos ciganos. Nesse dia, fomos eu, minha mãe e meu filho fazermos a primeira visita. Estacionamos em frente à casa de seu Landito. Ele se encontrava sentado debaixo de um arvoredor, sem camisa, mas ao nos ver solicitou da sua esposa que lhe trouxesse uma camisa, imediatamente, Consuelo a trouxe e ele se vestiu. Demonstrou muita satisfação com nossa presença. Seus filhos vieram até nós, nos cumprimentamos e fomos convidados a entrar e nos sentar.

Eles desejaram saber como estavam os meus familiares e dissemos que todos estavam bem. Falaram que foi um tempo muito agradável o período que

foram nossos vizinhos e seu Landito usa uma expressão que sempre me chamou atenção, ele diz que "Foi um tempo abençoado por Jesus, dona Maria" (se referindo a minha mãe)! A expressão usada pelo chefe cigano me intrigava porque não o ouvia se referi a Jesus com outras pessoas, mas quando conversava conosco era a forma escolhida por ele, achava que fazia essa referência a Jesus apenas para nos agradar.

Essa questão ficou esclarecida para mim quando ao ler as palavras de Senna (2005), em relação aos ciganos calons de Utinga sobre a religiosidade. Segundo Senna os ciganos tendem a seguir a religião da maioria das pessoas do local onde estão vivendo. Assim, como minha família tem como prática religiosa os princípios Batistas, eles então em suas falas conosco fazem referência a Jesus. Contudo, nunca aceitaram os convites de meu pai para participarem de culto na 1ª Igreja Batista de Maracás.

A casa onde residem atualmente é uma construção em blocos cerâmicos, paredes externas pintadas de vermelho, estreita, mas com uma sala comprida que integra dois ambientes: sala de estar e jantar. As portas dos quartos ficam nessa sala. Assim, temos o quarto do casal à frente, o quarto da filha logo em seguida e o quarto dos dois filhos por último. As cortinas entre abertas deixaram os ambientes um pouco a mostra. As paredes externas eram pintadas de um tom de verde bandeira, as internas também eram pintadas, mas de um tom de verde. As paredes internas eram decoradas por quadros coloridos de paisagens naturais. Os sofás estavam revestidos por uma capa vermelha, havia almofadas com estampas de cavalos e paisagens naturais. As cores fortes me chamaram atenção. Uma vez que é costume na cidade as casas possuírem forro, pois ele auxilia a diminuir a sensação de frio que é bem rigoroso em alguns dias, principalmente, no inverno.

A casa é simples, porém muito aconchegante. Mas para seu Landito a moradia já está pequena, pois os filhos cresceram e precisavam de mais espaço. Então, ele nos mostra uma casa ao lado que estava construindo, já em fase de acabamento. A casa nova da família Landito será ampla, com pé direito alto, muitas janelas em blidex, uma área coberta na frente da casa e cozinha grande como Consuelo faz questão de ressaltar. Por ser recuada, nos fundos da construção não haverá espaço para um fogão a lenha como deseja a

matriarca.

Explicou-nos que a casa que mora ficará para o filho mais novo quando esse se casar. Perguntamos se os outros pensavam em se casar e ele nos respondeu que por seus filhos Leandro e Leandra serem surdos seria difícil se casarem. E disse que “As ciganas não querem Leandro por ser surdo, se ele achar uma brasileira que seja mulher direita e aceite casar com ele, eu deixo casar, mas Leandra não deixo casar”. Perguntei o porquê e ele respondeu: “Minha filha, coitadinha não sabe falar e se um cigano não tiver paciência e maltratar minha filha, eu o mato”.

Pela fala de seu Landito fica claro que se Leandro encontrar “uma brasileira” que queira se casa com ele, o casamento será permitido. Mas, em relação à Leandra essa possibilidade não é se quer cogitada, pois para uma família cigana o homem pode se casar com uma não cigana que aceite viver de acordo com a cultura deles, mas as mulheres não possuem o mesmo direito.

Nessa tarde, Consuelo nos ofereceu um café e durante a degustação aproveitei para explicar melhor a pesquisa que desenvolveria com o apoio deles. Ele me disse que todos estariam à minha disposição para cooperar. Para mim, foi um momento muito importante, pois dentro da casa do chefe calon senti a importância da família, a alegria das cores e dos espaços bem abertos. Esses elementos, cores fortes e vivas distribuídas em várias paredes da casa representam a vivacidade e alegria da cultura cigana. Da mesma forma que os espaços abertos e amplos fazem referência a liberdade que é uma característica da vida cigana preservada por muitos séculos através do nomadismo.

A representação simbólica das plantas das casas dos ciganos em Maracás evidencia a necessidade dos calon em reproduzirem a sensação de liberdade, propiciada pelas barracas, reproduzida nas construções de alvenaria. As barracas são armações de lona grandes e sem divisórias, a divisão de um espaço para outro é feita com tecidos ou algum móvel.

Desta forma, a ausência de paredes ou portas como elementos de divisão ou separação, não se configura um elemento necessário na maioria das edificações ciganas no município. Diferentemente, dos vizinhos brasileiros que possuem as casas fragmentas em cômodos com divisórias e portas nos quartos e banheiro, para os ciganos esses elementos não são valorizados.

A liberdade para um cigano é algo vital e para uma população que vivia em contato direto com a natureza e estradas, a sedentarização representa uma restrição ao direito de ir e vir. Os ciganos sedentarizados vivem um paradoxo: de um lado o gosto pela liberdade e do outro o conforto do endereço fixo. No meio dessa contradição, vem a nova geração que apenas foi nômade por poucos anos e já nascem sedentarizados, como é o caso da pequena Esmeralda, neta de Celso e Neide, que tem dois anos e os pais já possuem uma casa defrente a da avó paterna (Neide) e do lado da avó (materna), morando na mesma rua do chefe cigano.

A rua onde eles moram tem o nome oficial de Ugulino José da Rocha, mas na comunidade é conhecida como a rua dos ciganos, e está localizada no bairro do Maracaizinho. Segundo, uma das primeiras moradoras do local, o Maracaizinho era considerado como zona rural do município, mesmo estando próximo ao centro da cidade. Durante a entrevista pude perceber que dona Iraci não se sente muito a vontade com a presença dos ciganos. Nas suas palavras pude observar que as relações étnicas entre os ciganos e os demais habitantes do bairro são marcadas por pequenos conflitos, provocados por roubo de aves, lenha e frutas, esbarram nas fronteiras culturais. Dona Iraci relatou que se desfez de suas criações miúdas na tentativa de evitar os pequenos furtos e confusões com a vizinhança.

Esse fato nos faz lembrar a música *Arrumação*, de Elomar Filgueira (1978), onde em um dos versos diz: “Os ciganos já subiro bêra ri/ É só danos, todo ano nunca vi/ Paciência, já num guento a pirsiguição/ Já só caco véi nesse meu sertão/ Tudo que juntei foi só pra ladrão [...]”. Nessa canção, o compositor narra toda a saga dos pequenos lavradores que plantam o “feijão no pó”, expressão muito utilizada em Maracás pelos agricultores, quando plantam no período seco, esperando a chegada das chuvas, e que com a passagem dos ciganos vê toda a sua produção sendo consumida.

Elomar descreve a passagem dos ciganos e reproduz a visão de dona Iraci sobre os gitanos. Segundo Senna (2005) os ciganos são povos da natureza e trazem consigo a ideia de que a relação de posse de bens é antagônica a da maioria não cigana. Essa prática de vida se reflete na própria vivência dos roma, uma vez que entre eles a distinção entre os mais ricos e os demais não é gritante

como no restante de nossa sociedade. Para um cigano as ideias de propriedade privada, de posse de bens naturais é algo fora de seus parâmetros. Aquilo que mata a fome e ajuda a viver é de todos e não de um indivíduo só. No bairro, essa forma de ver o mundo é um fato que promove dissensões entre os indivíduos das etnias que vivem ali.

Essa visão de mundo calou se preserva pela transmissão oral de sua cultura. Segundo Geertz (2017), a humanidade não existiria sem a cultura e, também, os homens seriam “monstruosidades incontrolláveis” sem ela. Assim, os aspectos culturais são o elo que liga o homem a sua existência individual e em comunidade.

Em suas andanças pelo mundo os ciganos preservaram a sua cultura, marcaram a sua identidade, são elas que os mantêm fortes mesmo diante de toda exclusão e dos preconceitos social e cultural, dos quais foram e continuam sendo vítimas até então.

Referência Bibliográfica

ELOMAR FIGUEIRA MELLO. Arrumação. Disponível em: <http://elomar.com.br/discografia/letras/arrumacao.html> Acesso: 15.10.2019

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Clifford Geertz; tradução de Vera Joscelyne. 13ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 28ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Wallace Juan Teixeira. *A cotidianidade do feirante de vitória da Conquista*. In: LEMOS, Maria Tereza Toríbio, MORAES, Nilson Alves (Org.). *Memória, Identidade e Representação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. *Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira* [recurso eletrônico] / Thiago Isaias Nóbrega de Lucena, José Wellington Germano. – Natal: EDUFRN, 2016.

POUTIGNAT, Philippe; FENART, Streiff- Jocelayne. *Teorias da Étnicidade* (seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras, de Fredrick Barth). 2ª. Ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SENNA, Ronaldo Salles de. *A SEDA ESGARÇADA: configuração sócio-cultural dos ciganos de Utinga*. Feira de Santana-BA: Editora UEFS, 2005.